

É morrendo que se vive...

Hermes C. Fernandes

João 12:23-28 – “Jesus respondeu: É chegada a hora em que o Filho do homem será glorificado. 24 Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só. Mas se morrer, produz muito fruto. 25 Quem ama a sua vida, perdê-la-á, mas quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna. 26 Aquele que me serve deve seguir-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E se alguém me servir, meu Pai o honrará. 27 Agora o meu coração está angustiado, e que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. 28 Pai, glorifica o teu nome! Então veio uma voz do céu: Já o glorifiquei, e outra vez o glorificarei. 29 A multidão que estava ali e ouviu a voz, dizia que era um trovão. Outros diziam: Um anjo lhe falou. 30 Disse Jesus: Não veio esta voz por causa de mim, mas por causa de vós.”

Jesus havia acabado de ser aclamado rei, ao adentrar Jerusalém montado em um jumentinho. Sua popularidade havia chegado ao auge. A ressurreição de Lázaro se tornara na “gota d’água”, para que o povo reconhecesse nele o Rei de Israel, o Messias prometido por Deus. Ele tinha o povo em suas mãos. A qualquer momento, bastava um aceno seu, e o povo se revoltaria contra Roma, dispondo-se a lutar contra o seu domínio, e buscar sua independência.

Em outras palavras, era como se Jesus estivesse de cara com o gol. A bola estava em seu pé, bastava um chute, e pronto. Mas em vez disso, ele prefere o caminho mais difícil. Seu plano de governo não se harmonizava com a agenda política dos revolucionários da época. Para chegar ao trono, ele teria que passar pela Cruz.

Imagino o que seus discípulos devem ter imaginado quando Jesus disse: “É chegada a hora em que o Filho do homem será glorificado”.

João deve ter olhado para Tiago, seu irmão, e sussurrado: - Até que enfim. Já não agüentava mais esperar pra sentar-me ao lado do seu trono. Não se esqueça que o assento da direita é meu!

Mas eles devem ter se decepcionado profundamente, quando Jesus completou: *“Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só. Mas se morrer, produz muito fruto”*. O que Jesus queria dizer com isso, afinal? Que história é essa de morrer?

A pergunta é: Quem deveria conduzi-lo ao trono? Qualquer um que o conduzisse até lá, mais tarde poderia gloriar-se disso. O próprio Diabo desejou esta glória, quando ofereceu a Jesus os reinos deste mundo, por um simples gesto de prostração e adoração. Agora, Jesus teve que recusar ser conduzido ao trono pelas mãos dos homens. Quem deveria exaltá-lo era o próprio Deus. Para isso, havia um preço a ser pago. Paulo nos informa que Jesus, *“sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas a si mesmo se esvaziou, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de homem,*

humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que DEUS O EXALTOU SOBERANAMENTE, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome” (Fp. 2:6-9).

A Vida de Jesus era o grão de trigo que precisava experimentar a morte, para que se reproduzisse. Se ele se recusasse a morrer, ficaria só. Continuaría sendo o Filho Unigênito de Deus. Foi a morte de Cruz que fez com que ele deixasse de ser Unigênito, para ser Primogênito. O propósito do Pai é que *“ele seja o primogênito entre muitos irmãos”* (Rm. 8:29). Porém, *“convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o autor da salvação deles. Tanto o que santifica, como os que são santificados, vêm todos de um só. Por esta causa Jesus não se envergonha de lhes chamar irmãos”* (Hb. 2:10-11).

Ele até poderia ter recebido o reino das mãos dos homens, porém estaria fadado a ser o Unigênito de Deus para sempre. Quanto amor! Jesus não queria apenas o trono, mas queria fazer-nos assentar com ele.

No verso 25, ele arremata: *“Quem ama a sua vida, perdê-la-á, mas quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna”*.

Era como se Jesus estivesse espetando um monte de balões inflados. Isso era tudo o que os discípulos não gostariam de ouvir dos lábios de seu Mestre. Eles também teriam que se dispor da própria vida. Se eles a quisessem poupar para a eternidade, teriam que se dispor a perdê-la no presente.

Parece que tal mensagem tem sido negligenciada nos púlpitos hoje em dia. Os pregadores estão trocando a mensagem da cruz pela mensagem do amor próprio, da auto-estima.

O que Jesus quis dizer com “odiar a sua vida neste mundo”? Será que Jesus não pegou pesado demais? Ele não poderia ter aliviado um pouco? Absolutamente, não. Neste contexto, odiar significa não dar a mínima para a própria vida. Não considerá-la preciosa a seus próprios olhos. Paulo captou bem isso, ao afirmar: *“E agora, compelido pelo Espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer. Somente sei o que o Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas EM NADA TENHO A MINHA VIDA POR PRECIOSA, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus”* (At.20:22-24). O propósito de Deus deve estar acima do valor de nossa própria vida. Quem alimenta seu amor próprio, não está preparado para ver cumprido o propósito de Deus em sua vida. Paulo os chama de *“amantes de si mesmos”*, pois são *“gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeição natural, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus”* (2Tm. 3:2-4).

Para que a igreja enviasse alguém para o campo missionário, era mister que se escolhesse *“homens que já expuseram as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo”* (At.15:26). Para tanto, tais homens não poderiam amar suas próprias vidas.

Homens amantes de si mesmos terminam sempre sós. Para que um ministério seja aprovado por Deus, e reconhecido pelos homens, deve-se apresentar a disposição de abrir mão da própria vida pela causa.

Só um homem vazio de si mesmo poderia declarar: *“Até esta presente hora sofremos fome, sede, e nudez; recebemos bofetadas, e não temos pousada certa. Afadigamo-nos, trabalhando com nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando somos perseguidos, sofremos; quando somos difamados, consolamos. Até o presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos”* (1Co. 4:11-13).

O fato é que se não perdermos nossa vida, a estaremos desperdiçando pra eternidade. Temos que renunciá-la já, para a desfrutarmos no porvir.

Embora ouvindo o duro discurso de Jesus, João nos informa que *“muitos dentre as autoridades creram nele. Mas por causa dos fariseus não confessavam a sua fé, pois tinha medo de ser expulsos da sinagoga; pois amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus”* (Jo. 12:42-43). Eles eram cheios de amor próprio. Tinham uma reputação a zelar. Eram como Nicodemos, que procurou Jesus na calada da noite, para não se expor.

Quando abrimos mão de nossa vida, Cristo passa a viver sua própria vida através de nós. E quanto a nossa própria vida? Ela é guardada para ser desfrutada em todo o seu potencial no porvir eterno. Temos que unir nossa confissão à de Paulo: *“Estou crucificado com Cristo, e já não vivo, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”* (Gl. 2:20). O que significa viver a vida de Cristo? Significa deixar de viver em função de si mesmo, para viver em função da glória de Deus, e do bem do seu semelhante. João escreve: *“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós. E devemos dar a nossa vida pelos irmãos (...) Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em que Deus enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para QUE POR MEIO DELE VIVAMOS (...) Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar uns aos outros”* (1Jo. 3:16; 4:9, 11).

Ao morrermos com Cristo, ressuscitamos juntamente com ele, e deixamos de viver para nós, para vivermos para Deus. *“Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu”* (2Co.5:15). A vida que temos provém dele.

Talvez alguém refute, dizendo: Não temos o direito de vivermos nossa própria vida? Sim, temos. Mas é melhor poupá-la para a eternidade.

Surpreenda-se com o que Paulo declara: *“Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está oculta com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória”* (Cl. 3:2-4). O que Paulo propõe aqui não é uma vida alienada da realidade, e sim uma vida que leva em conta a realidade espiritual, acima daquilo que vemos. Só uma vida centrada em Deus é capaz disso. A exemplo do apóstolo, podemos dizer: *“Por isso não desfalecemos. Ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo se renova de dia em dia. Pois a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda*

comparação. Portanto, nós não atentamos nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem. Pois as que se vêem são temporais, e as que não se vêem são eternas” (2Co. 4:16-18). Temos que enxergar a vida do ponto de vista de Deus. Temos que enxergar a realidade da perspectiva da eternidade. Se vivemos a vida de Deus, temos que encará-la de uma perspectiva divina, e não meramente humana.

Temos o direito de viver nossa própria vida em toda a sua potencialidade. Porém, preferimos abrir mão dela agora, para desfrutá-la depois, sem termos que enfrentar os problemas que hoje nos circundam.

Foi pensando nisso que Paulo pôde afirmar: *“Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp. 1:21).*

Eis um homem que não fazia questão da própria vida!

Quais são nossas expectativas quanto á vida?

O que esperamos dela?

Tomemos mais uma vez o apóstolo Paulo como exemplo:

A minha ardente expectativa e esperança é de em nada ser confundido, mas ter muita coragem para que agora e sempre, Cristo seja engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Pois para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne trouxer fruto para a minha obra, não sei então o que deva escolher. Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, o que é muito melhor; mas julgo mais necessário, por amor de vós, permanecer na carne. E, tendo esta confiança, sei que ficarei, e permanecerei com todos vós para o vosso progresso e gozo na fé”. (FILIPENSES 1:20-25)

Somente alguém com tal disposição poderia exigir que fôssemos seus imitadores, como ele era de Cristo. Somente quem vive isso pode ordenar que tenhamos o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus. Pois foi esse sentimento que ele, Jesus, revelou aos seus discípulos, ao dizer: *“Agora o meu coração está angustiado, e que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. Pai, glorifica o teu nome!” (Jo. 12:27-28a).*

Deveria ser essa a motivação de nossa existência: a glória do seu nome. Quer pela vida, ou pela morte, não importa; contanto que seu nome seja glorificado! *“Se alguém deve ir para o cativoiro, para o cativoiro irá. Se alguém deve ser morto à espada, necessário é que à espada seja morto. Nisto repouso a perseverança e a fidelidade dos santos” (Ap. 13:10).* O importante é que o programa de Deus seja executado a qualquer custo.

Teremos a eternidade para vivermos nossa vida. Quanto ao presente momento, vivamos inteiramente em função do cumprimento do seu propósito. É claro, que quando nossa vida, que hoje está oculta em Deus, se manifestar, continuaremos vivendo em função de sua glória, entretanto, não mais estaremos cercados pela fraqueza da carne, o que resultará em uma vida completamente santa diante de Deus.

No presente momento, os que vencem, o fazem *“pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; não amaram as suas vidas até à morte”* (Ap. 12:11).

Tudo quanto desejarmos, e fizermos, deve ser para louvor de sua glória, e não visando meramente nossa satisfação pessoal.

O que nos motiva agora não é a auto-satisfação, ou a vanglória, ou a auto-afirmação. Paulo recomenda: *“Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem para a igreja de Deus. Como também eu em tudo agrado a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim se possam salvar”* (1Co. 10:31-33). E mais: *“E tudo o que fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”* (Cl. 3:17). E ainda: *“Nada façais por contenda ou por vanglória (...) pois Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”* (Fp. 2:3a, 13).

Quando Cristo disse: *“Pai, glorifica o teu nome!”*, somos informados de que veio uma voz do céu dizendo: *“Já o glorifiquei, e outra vez o glorificarei. A multidão que estava ali e ouviu a voz, dizia que era um trovão. Outros diziam: Um anjo lhe falou. Disse Jesus: Não veio esta voz por causa de mim, mas por causa de vós”* (Jo. 12:28-30). Observe que Jesus deixa bem claro que aquela voz não veio por sua causa, mas por causa daqueles que ali estavam. Eram eles, e não Jesus que precisavam ouvir tal afirmação.

Se quisermos viver a vida de Cristo, poupando nossa vida para a eternidade, teremos que aprender que tudo que Deus faz por nós, é pensando no bem daqueles que nos cercam. Não devemos buscar auto-afirmação, nem tentar provar nada pra ninguém. Antes, nosso objetivo deve ser o de beneficiar os que nos rodeiam.

Se Deus nos exaltar, não devemos supor que é por nossa própria causa. Não possuímos mérito para isso. E veja que Jesus possuía todos os méritos para receber aquela declaração dos lábios do Pai. Entretanto, aquelas palavras vinham para beneficiar os que as ouviam.

Tudo o que buscarmos em Deus, deve ter o objetivo de ser bênção na vida dos outros. Mesmo a prosperidade material não deve ser um fim em si mesmo. *“Aquele que furtava”* diz Paulo, *“não furete mais, antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o necessitado, Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação conforme a necessidade, para que beneficie aos que a ouvem”* (Ef. 4:28-29).

Tudo o que dissemos até aqui se resume no desafio feito por Cristo aos seus discípulos: *“Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”* (Mt. 16:24-25).

Christus Victor!